

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E ESPIRITISMO: ARRANJOS ARQUITETÔNICOS COMO PROGRAMA CURRICULAR DE EJA

Heli Sabino de Oliveira – Secretaria Municipal de Belo Horizonte

Leoncio José Gomes Soares – UFMG

Este trabalho descreve e analisa a Educação de Jovens e Adultos em um espaço não escolar, vinculado ao Centro Espírita Esperança¹. Embora se trate de um estabelecimento religioso, os professores que atuam nesse local são funcionários públicos municipais concursados. Trata-se, pois, não de uma proposta educativa confessional, mas de uma proposta de escolarização financiada, em parte, por recursos públicos. Pretendemos aqui examinar o peso dos símbolos, dos rituais, das linguagens e das inscrições que caracterizam o Centro Espírita na prática educativa da turma de EJA e sua implicação no processo de um processo educativo.

Dividido em três seções e as considerações finais, este artigo problematiza inicialmente o processo de implantação, pelo poder público, de turmas de EJA em espaços escolares na cidade de Belo Horizonte. Embora apresente a flexibilização dos espaços como elemento estratégico para a ampliação do atendimento de EJA, o documento da Secretaria Municipal que trata dessa questão (SMED, 2008) silencia sobre os arranjos arquitetônicos e sobre os aspectos formativos dos símbolos que estão inscritos nos espaços onde se encontram as turmas de Educação de Jovens e Adultos. A segunda seção enfatiza, por um lado, os princípios que orientam a religiosidade kardecista; por outro lado, destaca as razões que garantiram seu enraizamento no território brasileiro. A terceira seção enfoca a arquitetura do local onde é oferecida a Educação de Jovens e Adultos. Procuramos aqui nos distanciar das abordagens que destacam o peso dos livros didáticos, das temáticas e dos projetos desenvolvidos em sala de aula na constituição da prática educativa, para nos concentrar nos rituais, nos dispositivos materiais, nos arranjos espaciais e na materialidade dos signos e da linguagem que estão inscritas do espaço de escolarização de jovens e adultos. As considerações finais chamam a

¹ A fim de manter o anonimato do espaço religioso, o nome do Centro Espírita foi alterado.

atenção para o fato de os educadores que trabalham no Centro Espírito se encontrarem situados entre duas propostas. De um lado, as diretrizes pedagógicas definidas pela Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte, que celebra o caráter público do processo educativo; de outro, o sistema simbólico religioso que molda o local onde atuam esses profissionais da educação. Isso implica, não raro, em situações de tensões, marcadas por escolhas, negociações e conflitos.

Para fundamentar os principais conceitos trabalhados nesse artigo (arquitetura como, lugar e laicidade), recorreremos, dentre outros pesquisadores, aos estudos de Louro, Escolano, Frago e Cury. O artigo que ora apresentamos se encaixa, dessa forma, nos princípios da pesquisa qualitativa, pois toca em pontos que não podem ser quantificados.

Procuramos nos valer dos princípios da Observação Participante e das entrevistas semiestruturadas. A Observação Participante, como salienta Willis (1991), é uma técnica de pesquisa sensível a significados e valores, assim como é capaz de representar e interpretar as articulações, práticas e formas simbólicas da produção cultural.

As entrevistas semi-estruturadas foram adotadas, como forma de ampliar nossas observações, por atenderem aos objetivos de nossa pesquisa. Procuramos ouvir Diretor do Centro Espírita Esperança (Sr. Geraldo) e duas professoras que atuam nesse espaço (Rute e Ester). Como se sabe, as entrevistas semi-estruturadas instigam à reconstituição da experiência, ao encontro com o outro, bem como permitem que se construam novas interpretações e possibilidades futuras.

Educação de jovens e adultos em espaços não escolares e os aspectos formativos do lugar

A ideia de se investigar os arranjos arquitetônicos do Centro Espírita Esperança advém da seguinte constatação: a despeito de um terço das turmas de EJA em espaços não escolares, vinculadas à Rede Municipal de Educação

de Belo Horizonte estar localizadas em espaços religiosos (das 146 turmas existentes em 2008, ano em que realizamos uma pesquisa exploratória, 48 localizavam-se em espaços de alguma instituição religiosa: Católica, Evangélica e Centro Espírita), os documentos oficiais não indagam sobre a questão da laicidade, nem sobre a interferência do espaço sobre o processo educativo (SMED, 2008). Trata-se de uma proposta governamental que se apóia em dados estatísticos (de acordo com IBGE (2010) em BH, 55 mil pessoas analfabetas) e na necessidade de se flexibilizar os espaços para garantir que os jovens e adultos tenham acesso ao Ensino Fundamental na modalidade de EJA².

De acordo com a Secretaria Municipal de Educação, as turmas de EJA em espaços não escolares resultam da constatação de que parte do público jovem e adulto enfrenta basicamente dois tipos de barreiras para se escolarizar em estabelecimentos oficiais: uma de ordem física e a outra de ordem simbólica. A primeira diz respeito a fatores materiais, que podem ser verificados de forma objetiva quando se analisam as causas da evasão na Educação de Jovens e Adultos. Como exemplo, podemos a distância entre local onde trabalha o aluno e a escola que oferece o curso de EJA; a ausência de infraestrutura urbana – ponte, passarela e avenidas – que possibilite o acesso rápido e seguro do educando ao estabelecimento educativo, o descompasso entre o horário de funcionamento dos cursos de EJA, não raro, realizados no noturno e a disponibilidade temporal de algumas pessoas que podem estudar somente no diurno.

² Conhecido como Projeto EJA-BH, essa proposta foi aos poucos se configurando como política pública. Em linhas gerais, trata-se de uma parceria entre poder público e a sociedade civil, visando assegurar o direito à educação a uma parcela da população que não teve acesso à escola na infância e na adolescência. Enquanto a Prefeitura é responsável pela remuneração e pela formação do educador, as instituições parceiras têm como incumbência a organização do espaço onde as aulas serão ministradas. Além disso, tanto uma quanto a outra se responsabilizam pela chamada pública dos educandos. Vale sublinhar que o processo de escolarização acontece em locais como Centro de Referência da Saúde Mental, Caixa Econômica Federal, Associação de Moradores de Bairro, Centro Cultural, Espaço do Projeto Criança Esperança, Parque das Mangabeiras, Paróquias da Igreja Católica, Igrejas evangélicas, Centros Espíritas.

A segunda barreira está ancorada em crenças e representações que fazem parte, não raro do universo cultural do adulto que não se reconhece como sujeito que possui direito de se escolarizar; para alguns adultos, a escola é algo que “*ficou para trás*”, restando apenas se preocupar com o estudo dos filhos e dos netos.

A SMED-BH oferece aos educandos que se matricularem em espaços não escolares o kit escolar (mochila, caderno, caneta, lápis, borracha, livro didático e livros literários), bem como a possibilidade de certificação. Trata-se, pois, não apenas de uma proposta experimental e emergencial de alfabetização, mas de uma proposta de escolarização do Ensino Fundamental na modalidade de Educação de Jovens e Adultos.

A SMED (2008) apresenta, em linhas gerais, a proposta pedagógica para essa modalidade educativa, tendo como referência o perfil dos sujeitos da EJA: inserção subordinada no mundo do trabalho, diversidade sociocultural e relações de raciais e de gênero e a condição de não criança. A formação continuada é vista como condição para que os educadores se percebam como integrante de uma modalidade específica, com um público que possui características próprias, com condições de vida e de trabalho próprio.

O documento silencia, no entanto, sobre um ponto fundamental na constituição identitária dos sujeitos: os aspectos formativos dos símbolos e dos arranjos arquitetônicos que abrigam as turmas de EJA. Afinal de contas, eles não são neutros. Como nos lembra Louro (1996), o processo educativo não se resume às abordagens tratadas em sala, mas também aos múltiplos ordenamentos que produz diferenças, distinções e hierarquias. A autora apresenta os símbolos e os modelos de prédios escolares como poderosos mecanismos formadores de sujeitos.

As Escolas, através de seus quadros, crucifixos, santos e esculturas apontam aqueles/as que deverão ser modelos. [...] O prédio escolar informa a todos/as sua razão de existir. Suas marcas, seus símbolos e arranjos arquitetônicos ‘fazem sentido’, instituem múltiplos sentidos, constituem distintos sujeitos (LOURO, 1998, p. 57).

Daí a importância de se compreender os espaços onde são ofertada a Educação de Jovens e Adultos. Eles são, nesse sentido, elementos constitutivos do programa curricular. Escolano (2001) considera os arranjos arquitetônicos como formas silenciosas de ensino. O autor destaca a relevância da localização da escola, de seu entorno, de seus contatos com o mundo externo. Para o autor, a localização pode revelar elementos surpreendentes na formação do estudante, já que pode ampliar ou limitar a prática educativa.

Outro aspecto que precisa ser considerado quando se examina a arquitetura escolar é a categoria lugar. Para Frago (2001), o lugar, além de ser um espaço geográfico, é principalmente um conjunto de vivências, memórias e significados culturais. Embora dependa do espaço, o lugar está identificado ao uso e as representações que se tem dele. O autor chama, dessa forma, a atenção para o aspecto da construção social e cultural do espaço escolar como um local de construção de significado, como fonte de experiência. Essa categoria, quando aplicada ao processo de escolarização, nos permite ver a arquitetura escolar não como algo dado, fixo e imóvel que está ali para ser observado, apropriado e redefinido, mas uma forma de classificação que separa o lado de dentro e o lado de fora, ou seja, o escolar do não escolar.

No caso das turmas de EJA que se encontram em espaços não escolares, os contornos que delimitam o que fica do lado de dentro e o lado de fora estão borrados. Em primeiro lugar, porque a SMED (2008) concebe, sem grandes problemas, esse processo educativo como algo necessário para se garantir o direito negado de jovens e adultos que não tiveram acesso à educação escolarizada na infância e na adolescência. Em segundo lugar, porque, embora o professor seja concursado, o espaço onde ele exerce sua função docente é marcado, não raro, pela precariedade da materialidade educativa. Em terceiro lugar, porque o edifício em que se concentram as turmas de EJA não está isolado ou separado de outros estabelecimentos. Pelo contrário, ele está organicamente ligado a um grupo social e cultural da qual faz parte. Embora o curso ofereça a possibilidade de certificação do Ensino Fundamental, não faz sentido aplicar aqui a dialética entre o interno e o externo.

Isso porque, nesses espaços, ensinam-se, pela arquitetura e pelo ordenamento dos espaços, certas concepções, escalas de valores e visão de mundo, próprios do universo cultural do qual a sala de aula está inserida. Além disso, ensinam, por meio de material didático, livros de literaturas, debates e aulas expositivos saberes secularizados e científicos.

Antes de apresentar o espaço onde as turmas de EJA são atendidas no Centro Espírita Esperança, abordaremos, em linhas gerais, alguns pontos ligados ao kardecismo. Em seguida, procuraremos compreender os motivos que levaram esse grupo religioso a se enraizar na sociedade brasileira, tendo um número de adeptos maior do que na França, país de origem.

O espiritismo e seu enraizamento cultural no Brasil

Podemos afirmar, de saída, que, introduzido no Brasil no final do século XIX, o Kardecismo é uma religiosidade marcada pelo elevado nível de escolaridade de seus adeptos. O censo demográfico constata que 35% das pessoas que pertencem a esse segmento religioso possuem o Ensino Médio, enquanto 25% possuem o curso universitário completo. Em média, um kardecista possui dez anos de escolaridade. Outro dado interessante é a renda média familiar dos kardecistas: eles possuem uma renda 150% maior que a média nacional.

O Kardecismo deriva do pseudônimo Allan Kardec, adotado pelo pedagogo francês Léon Hippolyte Denizar Rivail (1804-1869)³. Esse líder religioso preconizava, dentre outros dogmas, a reencarnação e a comunicação mediúnica com os mortos. De acordo com ele, o principal objetivo do espírito do ser humano é se transformar em um Ser de Luz. No entanto, para atingir essa

3. Nascido em Lyon, na França, em 3 de outubro de 1804, Hippolyte Denizar, conhecido como Allan Kardec, mudou-se para Suíça, onde estudou com Pestalozzi. Em 18 de abril de 1857, publica O Livro dos Espíritos, uma obra contendo mais de mil (1019) respostas às perguntas feitas aos espíritos. Outras obras foram publicadas depois: O Evangelho Segundo o Espiritismo, A Gênese, O Céu e o Inferno, O Livro dos Médiuns, O Que é o Espiritismo e Obras Póstumas. Kardec faleceu no dia 31 de março de 1869, em Paris, aos 65 anos de idade.

meta, é necessário que o espírito evolua, através de um longo processo de reencarnação. A caridade é um meio de expiar e de aliviar as obrigações cármicas, adquiridas em vidas passadas, mas que impedem os espíritos, em vida presente, de evoluir e, assim, de progredir rumo à perfeição. Embora sustente que Deus é inacessível aos homens, o kardecismo sublinha que se pode comunicar com espíritos evoluídos, com pessoas que se desencarnaram. Para progredir no plano espiritual, os espíritos desencarnados precisam ajudar a humanidade. Para os kardecistas, há, no entanto, situações em que os espíritos desencarnados precisam de orientação e esclarecimento para evoluir no plano espiritual (PIERRUCCI, 2000).

Jacqueline Stoll (2004) consta que o número de adeptos ao espiritismo na França é bastante acanhado, não chegando a mil pessoas. No Brasil, de acordo com IBGE (2010), existe algo em torno de 4,8 milhões de pessoas que se identificam com essa religiosidade. Isso nos leva a indagar sobre as razões da expansão do espiritismo em terras brasileiras.

Para Danázio (1994, p.154), isso se deve, em parte, às grandes desigualdades sociais que marcam o nosso país. Graças aos seus aspectos assistenciais e *taumatúrgicos*, essa crença religiosa encontrou um terreno bastante fértil no Brasil. A autora nos lembra que a França, país onde originou o kardecismo, a quantidade de adeptos dessa crença religiosa é pífia devido ao fato de o território francês ser marcado pela secularização das práticas sociais e não possuir grandes desníveis sociais.

Para Birman (1995, p.13), a força do kardecismo na esfera religiosa brasileira se deve à sua ligação com as religiões de matrizes africanas. Para a autora, essas religiões se encontram inter-relacionadas e subordinadas à lógica associada à possessão mediúnica. Essa autora deixa, no entanto, em segundo plano o caráter assimétrico dessa relação. A possessão mediúnica é classificada pelo kardecismo como “alto espiritismo”, enquanto o mesmo fenômeno ligado às religiosidades afro-brasileiras é descrito como pertencente ao “baixo espiritismo”. Trata-se, pois, de uma oposição binária que impõe uma relação desigual entre os dois termos. Enquanto o primeiro é dotado de positividade, o segundo de

negatividade. Sobre os efeitos das oposições binárias no pensamento moderno, Louro fez os seguintes comentários:

No “jogo das dicotomias” dos dois pólos diferem e se opõem e, aparentemente, cada um é uno e idêntico a si mesmo. A dicotomia marca, também, a superioridade do primeiro elemento. Aprendemos a pensar e nos pensar dentro dessa lógica e abandoná-la não pode ser tarefa simples. A problematização a constituição de cada pólo, demonstrando que cada um na verdade supõe e contém o outro, evidenciando que cada pólo não é uno, mas plural, mostrando que cada pólo é, internamente, fraturado e dividido – pode se constituir numa estratégia subversiva e fértil para o pensamento (LOURO, 1997, p.31).

A classificação entre alto e baixo espiritismo se deve ao fato de que o pensamento kardecista tem dificuldade de se ver refletido nas religiosidades de matrizes africanas porque se trata de um sistema religioso, cuja origem está na África, forjados por grupos sem formação acadêmica e marcados pela discriminação etnicorracial. O kardecismo, para se consolidar no campo religioso, procurou, desde sua origem, se estabelecer, aproximando-se do cristianismo e da ciência. Tanto a obra de Alan Kardec (O Evangelho Segundo o Espiritismo), quanto a tentativa de conexão com a lógica do pensamento positivista e evolucionista no século XIX, demonstram que esse sistema religioso buscou se inserir, desde o primeiro momento, na lógica da modernidade. Daí a necessidade de se afastar a mediunidade do kardecismo das mediunidades das religiões afro-brasileiras.

Para Stoll (2004), a consolidação do espiritismo no Brasil se deve, no entanto, à figura de Chico Xavier. Esse médium possui uma trajetória biográfica que se articula aos santos católicos, matriz religiosa que orienta de grande parte dos brasileiros. A autora observa que as narrativas que compõem a vida de um santo se encaixam sempre em um modelo estruturalista, podendo ser assim sintetizado: a) por causa de suas crenças, o santo se retira da cidade em direção ao deserto ou aos campos, terras longínquas (esse deslocamento inicial delinea o “tempo de ascese”); b) o segundo movimento consiste no “percurso de

retorno” (desse deslocamento marca o “tempo dos milagres e das conversões”). Entre esses dois percursos, situa-se o período das provações, as quais permite a personalização da história do santo.

Chico Xavier enfrentou as dificuldades de ser órfão nos primeiros anos de vida; os irmãos são distribuídos entre parentes, já que o pai tem que trabalhar e não pode assistir aos filhos em suas necessidades básicas; uma tia perversa passa a cuidar de Chico Xavier, que o castiga por qualquer coisa; o menino é consolado pelo espírito da mãe, que retorna para fortalecê-lo emocionalmente; ao relatar sua conversa não somente com o espírito da mãe, mas também com de pessoas falecidas que havia morado naquela comunidade; suas visões são interpretadas pela tia, pelo pai e pelo padre da paróquia local como manifestação do demônio; Chico Xavier, como penitência, é obrigado a carregar uma pedra de quinze quilos na cabeça, durante uma procissão, rezar mil ave-marias, etc.; como não deixou de ter visões, foi levado a trabalhar como tecelão das treze horas até uma da madrugada, tendo que acordar às 06 para ir à escola. Todo esse sofrimento é aceito pela criança que não se revolta com os adultos. Na juventude se converte ao kardecismo, mas se mantém, em termos de condutas de santidade, próximo aos valores católicos.

A *humildade*, imposta na fase de disciplinamento, constitui um aspecto da vida de santo partilhado por vários sistemas de crenças. A *renúncia* complementa esse modelo, podendo realizar-se por meio de retiro da sociedade ou pela criação de um estilo de vida *sui generis*, que expressa pela oposição a valores culturais e/ou sociais do meio envolvente (...). Os relatos de Chico Xavier evidenciam que, para sua construção, inspirou-se no modelo monástico de virtualidade católica, no qual constitui preceito fundamental a renúncia ao sexo, ao casamento e a bens materiais (...). Capitalizadas simbolicamente, as práticas do *celibato* e da *castidade* adquiriram no decorrer do tempo, um novo significado, transformando-se de componente da personalidade do médium em forma de expressão modelar da mediunidade espírita. Não sendo esta, porém, uma norma doutrinária, o que esse percurso sinaliza é a apropriação por Chico Xavier de práticas institucionais de construção da santidade católica (STOLL, 2004, p.190).

Chico Xavier deu, assim, um novo impulso ao kardecismo no Brasil. Sua conduta inspirou novos modelos de se organizar os trabalhos nos Centros Espíritas. Isso pode ser claramente percebido no Centro Espírita Esperança. De acordo com o Sr. Geraldo, a entidade que dirige é essencialmente cristã.

O espiritismo segue o mesmo evangelho de Jesus. Hermano fala, através de Chico Xavier, que o espiritismo sem o evangelho de Jesus não é espiritismo; o espiritismo é cristão, ele é baseado no evangelho de Jesus. Nós temos o livro “O evangelho segundo o espiritismo”; ele é um livro totalmente baseado no evangelho de Jesus; todas as obras da doutrina espírita são baseadas nos conhecimentos trazidos por Jesus Cristo. Nós procuramos viver o evangelho de Jesus; espiritismo é o cristianismo revivido; aqui revivemos o cristianismo nas suas origens, na simplicidade de Jesus. Nós não temos velas, não temos luz. Nós não temos roupa especial. Jesus nunca usou roupa especial; não sei onde é que esse povo arruma tanta coisa, tanta presepada. Jesus é símbolo de simplicidade. Ele não tinha nada. Ele dizia: “o filho do homem não tem uma pedra onde reclinar a sua cabeça”

A seguir apresentamos dos símbolos, dos rituais, das linguagens e das inscrições que caracterizam o Centro Espírita na prática educativa da turma de EJA e sua implicação no processo de um processo educativo laico.

Educação de Jovens e Adultos, arranjos espaciais kardecistas e subjetividade

Embora afirme que a atividade educacional e assistencial do Centro Espírita Esperança não está vinculada à difusão da crença kardecista, o Sr. Geraldo, diretor da Casa espírita onde há uma turma de EJA ligada à Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte, destaca sua intenção de formar pessoas com condutas moralizadas.

Nosso trabalho não está vinculado à religião. É claro, nós fazemos aqui prece, como em qualquer local faz. Mas não fazendo a pregação da religião espírita. Não há interesse em divulgar a doutrina; nosso objetivo é formar pessoas moralizadas. Procuramos ensinar a maneira correta de uma pessoa cumprimentar a outra, de entrar, de sair de um ambiente;

fazemos tudo isso respeitando a religião de cada um (Informação verbal).

Ele acredita que o exemplo é a melhor forma de se ensinar algo a uma pessoa.

Algumas pessoas que aqui chegaram, inclusive uma das professoras da EJA, viram o desprendimento das pessoas que trabalham nesse espaço; viram o carinho dos funcionários da casa, o seu amor para com as pessoas. O exemplo é muito maior do que as próprias palavras. Não adianta o pai falar com o filho: “meu filho você não vai fumar” e está com um cigarro na mão. Porque se o pai não fuma, não precisa dizer para seu filho não fumar. O filho que vê que o pai e mãe não fumam e nem bebem tem uma grande tendência para não fumar ou beber (Informação verbal)

No campo educacional, Paulo Freire (1995) abordou o valor da prática testemunhal, sublinhando o peso do exemplo na condição do trabalho docente. Para o autor, ao corporificar as palavras, por meio de gestos, comportamentos e atitudes, o professor não somente fortalece sua autoridade docente quanto tem uma maior propensão de ensinar seus princípios e ponto de vista. Fouquim (1993) designa como pedagogia cínica o ensino consciente de si como manipulação, mentira ou pensamento fútil. Nas palavras do autor: “ninguém pode ensinar verdadeiramente se não ensina alguma coisa que seja verdadeira ou válida a seus próprios olhos” (FORQUIM, 2003, p.13). Guardada as devidas proporções, a esfera religiosa também se vale desses pressupostos na medida em que está em jogo o valor intrínseco da doutrina ensinada.

O diretor do Centro Espírita tem, dessa forma, razão ao afirmar que o exemplo das pessoas que atuam naquele espaço é uma maneira de se transmitir valores kardecistas. Há, no entanto, outra forma silenciosa de se ensinar essa crença religiosa. Referimo-nos aos arranjos arquitetônicos do espaço, os sentidos das inscrições que marcam aquele local. Como nos descreve Louro (1996, p.27), o prédio informa com suas marcas, seus símbolos

e arranjos arquitetônicos o motivo de sua existência. A autora sublinha ainda que as inscrições, os signos e os símbolos que marcam os espaços instituem realidades e constituem distintos sujeitos.

Ocupando uma área de mais de setecentos metros quadrados, o Centro Espírita está dividido em duas partes. Na primeira, está a escola de Educação Infantil, atendendo diariamente sessenta crianças de zero a cinco anos. Nesse mesmo espaço, há cursos de cabeleireiro e corte e costura. Um dado interessante: embora esteja integrado ao Centro Espírita, esse espaço possui características próprias de um espaço educativo. Aliás, há uma inscrição no portão de entrada deixa claro que se trata de um estabelecimento educacional e não religioso. Ali se pode ler o nome da creche. Com uma ampla área para que crianças se socializem e façam atividades de recreação, com salas de aulas, bem adaptadas às condições do universo infantil, não há dúvida de que os arranjos arquitetônicos desse lugar foram pensados para o atendimento de crianças pequenas. Como nos descreve Escolano (2001), o espaço escolar foi, aos poucos, se descolando das casas e de outros locais nos quais se localizou antes de ter um estatuto próprio. O autor afirma que a escola tem uma habitação *ad hoc* especializada nas funções de instrução, inclusive com anexos complementares (reservados higiênicos, pátios, átrios, *closets*, bibliotecas, cantinas, etc.). Nesse sentido, o espaço ao qual nos referimos não deixa quaisquer dúvidas sobre sua função: trata-se de um estabelecimento de Educação Infantil.

Na segunda parte, encontra-se localizado o Centro Espírita propriamente dito. Os arranjos arquitetônicos informam a razão pela qual foi criado aquele lugar, já que em todos os espaços há inscrições que nos remetem às atividades religiosas kardecistas. Na porta de entrada, existe uma inscrição dizendo “Centro Espírita Esperança”. Diferentemente do espaço de entrada da Creche, não existe, no entanto, nenhum indicativo de funcionamento de uma turma de EJA de segunda à quinta, entre os horários de 14 e 17 horas, ou seja, o referido espaço não introduz a dialética do externo e do interno que constitui o processo educativo, conforme nos descreve Frago (2001).

Quem entrar por aquela porta perceberá que todos os espaços daquela casa espírita estão etiquetados: há uma legenda informando a finalidade de cada cômodo. Assim, podemos, com facilidade, identificar a sala da diretoria, a sala de passes, a sala de evangelização, o auditório.

Nas paredes e nos murais não se encontram atividades realizadas pelos estudantes, nem cartazes que caracterizem um ambiente alfabetizador e educativo, criado e mantido pela professora. Há, contudo, um ambiente letrado, com vários anúncios e textos que nos remetem à doutrina kardecista. A direção do espaço fixou, em locais bem visíveis, textos com sentido religioso. Dessa forma, antes de entrar em contato com as aulas expositivas dialogadas, com os trabalhos em grupos e individuais, com o livro didático da EJA, com livros de literaturas fornecidos pela Prefeitura de Belo Horizonte, o estudante encontrará pistas sobre as concepções e visão de mundo do espiritismo.

Logo na entrada, há um enorme saguão que antecede ao corredor que dá acesso ao auditório e às várias salas que compõem aquele prédio; a organização espacial não deixa dúvida de que se trata de uma ambiente espírita: no lado esquerdo de quem entra, estão descritas, em um dos murais, as atividades religiosas da semana, promovidas pelo Centro Espírita Esperança; há indicações de leituras de livros espíritas; frases psicografadas sempre por um médium espírita, como Alan Kardec e Chico Xavier. Próximo desse mural pode-se observar uma pequena urna fechada, com os seguintes dizeres: “pedidos de prece”. Ao seu lado, fica uma pequena escrivaninha, com caneta e papel. Esse arranjo, além de estimular a busca da crença espírita nos momentos de sofrimentos e aflições, pode ser compreendido como um dispositivo da educação espírita criado pelo Centro Espírita Esperança para fortalecer concepções e valores kardecista.

No lado esquerdo do saguão, encontram-se as inscrições que nos remetem às representações, à memória coletiva e às subjetividades dos sujeitos que frequentam aquele espaço como adeptos do espiritismo. São enumerados em um dos cartazes quinze princípios básicos da doutrina espírita, possibilitando

a quem transita por esse espaço conhecer a visão de mundo, escalas de valores, concepções, etc.

Em outro cartaz, anuncia-se uma das atividades dos espíritas daquela casa nas terças-feiras: visita aos lares de famílias que se encontram em desarmonia. Há uma imagem de Jesus acolhendo um rapaz ajoelhado, com sinais claros de cansaço e sofrimento. Embaixo uma legenda, citando o versículo vinte oito do capítulo onze do Evangelho de Mateus: “Vinde a mim, todos vós que estais aflitos e sobrecarregados e eu vos aliviarei.” Existem outros cartazes com imagens de Jesus; o que evidencia a demarcação da identidade do Centro Espírita como religião cristã.

Por ocasião da comemoração dos 150 anos da publicação de o *Livro dos Espíritos*, existem dois cartazes divulgando livros espíritas de autoria de Alan Kardec. Essas inscrições buscam não somente a formação de sujeitos leitores, mas também de adeptos do kardecismo. Basta observar no lado direito da parte inferior do material. Ali está escrito, “Leia Kardec: estude, pratique, divulgue.” O ambiente não induz a prática da leitura somente por meio da sugestão de livros, mas também pelas inúmeras informações que se encontram nos espaços e principalmente pela presença de uma biblioteca, constituída apenas por livros da literatura espírita. Seu acervo está à disposição tanto dos adeptos do kardecismo quanto das pessoas da comunidade que se interessem por esse tipo de literatura.

Há também uma livraria que comercializa obras dessa vertente religiosa. O espaço estimula a busca de bens simbólicos kardecista não apenas pelos pedidos de prece, pelo incentivo à prática da caridade e pelo fomento à leitura de livros espíritas, mas também por meio da presença de objetos sagrados. Na parte direita de quem entra no Centro Espírita, no final do corredor, próximo ao bebedouro, há um local reservado para ingestão de água fluida. Trata-se de água que, por meio do ritual de oração, passa a ser considerada como um elemento sagrado, ou seja, um elemento colocado à parte, deixando de possuir suas funções profanas. O sentido etimológico dessa palavra nos remete ao que está no lado de fora (*pro*) do espaço sagrado do templo (*fonum*), lugar de

manifestação divina (CURY, 2001, p.225). São atribuídos à água fluidificada poderes curativos. Acredita-se que estes fluidos (energias) são introduzidos no líquido pelos chamados espíritos amigos.

A disposição dos objetos contendo a água fluida no espaço é, nesse sentido, bastante significativa. Elas foram colocadas ao lado do bebedouro. A ingestão da água fluida pode ser considerada como um elemento distintivo que separa a identidade religiosa espírita das demais. A professora evangélica que trabalhava nesse espaço nos informou que nunca ingeriu dessa água quando estava com sede. *“Eu sempre bebi água do bebedouro”*.

Os marcadores simbólicos religiosos estão estampados em cada sala do espaço do Centro Espírita. São identificadas, por meio de inscrições que se encontram sobre cada porta a função do espaço. Não encontramos, porém, nenhum elemento que identifique o local onde funciona uma turma de EJA pertencente à RME/BH.

O passe é um ritual que faz parte do processo educativo para quem estuda no Centro Espírita Esperança. Trata-se de uma prática que consiste na imposição feita por um líder espiritual que recebe o nome de passista sobre o outro, que se acha geralmente sentado a sua frente em um ambiente a meia luz. Segundo a doutrina espírita, o ato teria o poder de canalizar “fluidos” ou “energias” oriundas do próprio passista ou ainda de ambas as fontes somadas. A prática integra habitualmente o chamado tratamento espiritual. Uma vez por semestre os alunos de EJA são convidados pelo Diretor da Casa para participar desse ritual.

A sala de aula propriamente dita se encontra no auditório do Centro Espírita, local usada durante as reuniões públicas para realização de palestra sobre os fundamentos do espiritismo. Podemos dizer, dessa forma, que esse espaço se encontra, de acordo com Escolano (2001), distante dos elementos que marcam um edifício escolar. Não há, na turma de EJA do Centro Espírita Esperança, separação de sala em graus, segmentos, séries, ciclos ou etapas referentes ao processo de escolarização. Reúnem-se todos os estudantes no mesmo espaço (auditório do Centro Espírita), nos mesmos dias e nos mesmos

horários (de segunda a quinta, entre 14h e 17h). Outra limitação do espaço é a impossibilidade de disposição regular das carteiras, ponto que, segundo Escolano (2001) facilita a rotina das tarefas e a economia do tempo. Localizada no auditório do Centro Espírita Esperança, a sala de aula não dispõe de mesas para os estudantes. Embora as cadeiras sejam acolchoadas e possuam encosto, os estudantes colocam os materiais escolares (livros, cadernos) sobre o colo, durante o período de aula. Outro problema enfrentado pela professora é a utilização da televisão e do aparelho de DVD. Estes equipamentos ficam em outro espaço; o que gera certo constrangimento, já que o deslocamento é feito pelo diretor do Centro Espírita.

A arquitetura do prédio, os arranjos espaciais, os símbolos e as linguagens inscritas nos espaços do Centro Espírita constituem, assim, um programa de escolarização específico que buscam instituir concepções, visão de mundo e escalas de valores específicas. Em outros termos, trata-se de um programa curricular que possui formas silenciosas de ensinar. No entanto, como destacamos anteriormente, a Secretaria Municipal de Educação não leva esse aspecto em consideração, destacando apenas concepç

Considerações finais

A Educação de Jovens e Adultos em espaços religiosos colocam em xeque o caráter republicano da educação pública. Como se sabe, no final do século XIX, o Estado brasileiro se distanciou das questões religiosas, sob alegação de que o respeito à liberdade religiosa dos cidadãos implicava no afastamento do poder estatal da esfera do sagrado. Dito de outro modo, o Estado deixava de ser confessional para se tornar laico. Isto é, deixava de assumir um culto religioso em particular, de ser portador de uma religião oficial, para se tornar defensor do direito de os indivíduos escolherem ou não a sua própria religião.

Como sublinhou Cury (2004, 183), o Estado laico não controla a esfera religiosa e nem é controlada pelo campo religioso. A educação oficial laica é, pois, aquela que não toma nenhuma religião em particular como sua, nem promove a discriminação de crenças religiosas de qualquer grupo social. Pelo contrário, ela deixa por conta da família e do indivíduo a questão da educação religiosa, vista como algo pertencente à esfera privada.

Embora defenda a laicidade da Escola Pública, Victor Valla (2001) sustenta que os educadores não podem ignorar a questão da diversidade religiosa no Brasil. O autor constata que, sob a argumentação de que a Escola Pública é laica e secular, os pesquisadores e educadores deixaram de investigar a relação entre processo de escolarização e laicidade, esquecendo-se do fato de que a religiosidade, além de fazer parte da realidade de muitos brasileiros, é o eixo organizador mais importante das camadas populares. Sendo o código cultural que o povo domina, a manifestação religiosa é, em parte, responsável tanto pelo modo de ser e de pensar quanto por crenças e esperanças de uma parte significativa de pessoas.

Ao examinar o peso dos símbolos, dos rituais, das linguagens e das inscrições que caracterizam a educação de jovens e adultos em espaços religiosos mantidos pelo poder público municipal na cidade de Belo Horizonte, constatamos, no entanto, um processo inverso daquele verificado por Valla (2001). Os espaços religiosos instituem formas específicas de se pensar e viver a questão religiosa, comprometendo o caráter laico e secular da educação pública. Como a arquitetura possui um programa curricular próprio e formas silenciosas de ensinar, a EJA em espaços religiosos pode limitar significados e a possibilidade de diálogo entre os diferentes grupos religiosos existente no Brasil. Como vimos, o espaço do Centro Espírita Esperança transmite visões particulares e interessadas, buscando produzir identidades individuais e sociais, com concepções particulares de educação e de cultura religiosa. Em outros termos, o espaço onde está estabelecida a turma de EJA da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte no Centro Espírita Esperança não é inocente, pois busca infundir a crença não somente nas existências de espíritos, mas na

possibilidade de comunicação com eles. Isso porque, segundo o Kardecismo, matriz religiosa sobre a qual incide os ensinamentos religiosos desse local, há tanto uma interferência do mundo invisível (mundo dos espíritos) sobre o visível (mundo material) quanto do mundo visível sobre o invisível.

Referências Bibliográficas

BIRMAN, Patrícia. Entre a França e Brasil: Viagens Antropológicas num campo (religioso) minado. Horizontes Antropológicos (UFRGS impresso), Porto Alegre, v.5, n°10, p.35-60, 1999.

CURY, Carlos Roberto Jamil. Governo Provisório do Mal: Deodoro e Congresso Constituinte de 1890-1891. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

CURY, Carlos Roberto Jamil. Ensino Religioso na Escola Pública: o retorno de uma polêmica recorrente. REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO, n 27, set/out/Nov/dez, 2004.

DAMÁZIO, F. Da elite ao povo: advento e expansão do espiritismo no Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

ESCOLANO, Augustin. Arquitetura como programa. Espaço-escola e currículo. In: Currículo, Espaço e Subjetividade: a arquitetura como programa. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

FORQUIM, Jean Claude. Escola e Cultura: as bases sociais e epistemológicas do Conhecimento Escolar. Rio Grande do Sul: Artes Médicas, 1993.

FRAGO, Antônio Viñao. Do Espaço escolar e da escola como lugar: propostas e questões. In: Currículo, Espaço e Subjetividade: a arquitetura como programa. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

PIERUCCI, Antônio Flávio. As religiões no Brasil. In: O livro das religiões. HELLERN, Víctor et al. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. Proposta Política Pedagógica do Projeto EJA-BH. (Material mimeografado), Belo Horizonte, 2008.

STOLL, Sandra Jacqueline. Narrativas biográficas: a construção da identidade espírita no Brasil e sua fragmentação. *Estudos avançados*. São Paulo, vol.18 n52 m p.181-198, 2004.

OXAGUIÃ & KILUY. *O Candomblé bem explicado: nações Bantu, Iorubá e Fon*. Pallas, Rio de Janeiro: 2009.

WILLIS, Paul. *Aprendendo a ser trabalhador*. Rio Grande do Sul: Artes Médicas, 1992.